

NILSEN AZEVEDO

EXTENDED HIGH END LOW NOISE HIGH OUTPUT



Maria Proserpina

DARKSIDE — DRK



Contos de Natal

DARK

“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”

*Your braids like a pattern
Love you to the moon and to Saturn
Passed down like folk songs
The love lasts so long*



Um conto de Natal de
NILSEN AZEVEDO

maria proserpina

Levaram Maria Proserpina embora na noite do apagão. Por muito tempo, os moradores de Picanço evitaram se referir ao incidente como um desaparecimento. A palavra amarga abria margem para vislumbres do rosto da menina estampado nos jornalecos da região, e os picancenses se gabavam de a cidadezinha chuvosa ser uma espécie de antibabilônia. Sempre havia espaço para o próximo, desde que a pessoa não botasse as asinhas de fora, e nada de ruim acontecia com ninguém, desde que a pessoa não merecesse.

Mas Maria Proserpina era menina. Não merecia nada daquilo. Na outra semana mesmo ela passara pelo batismo embaraçoso de ir sozinha até a drogaria comprar absorventes. Aos sussurros, pediu um com abas do mais barato para dona Imelda, que ignorou o acanhamento da menina e celebrou em altos brados, sorrindo largo para mostrar as facetas que colocara nos dentes algumas semanas antes.

“Você virou mocinha!”, exclamou a velha, medindo-a da cabeça aos pés.

Com o pescoço vermelho de vergonha, Maria Proserpina deixou o dinheiro contado no balcão, pegou a sacola e saiu correndo. Viu, pelo canto do olho, dona Imelda ir até a frente da loja para fuxicar com dona Ruth, que gostava de passar as tardes no coreto cerzindo meias velhas e fazendo cachecóis de crochê.

Maria Proserpina brincava de boneca na rua quando as luzes se apagaram. Estava um pouco irritada, pois havia se desentendido com a mãe, que não queria que ela ficasse fora até tarde, sobretudo no dia do lixeiro passar. Contudo, depois de debater o assunto com a avó, a mãe acabou cedendo.

“Não gosto de como eles ficam olhando para ela”, a mãe confidenciou para a avó enquanto estendiam roupas no varal. Maria Proserpina, que ouvia escondida da cozinha, ficou encabulada ao perceber que o lençol estirado ainda estava sujo de sangue. “Ainda mais agora que está ficando crescidinha. Você sabe como homem é.”

A avó concordou, séria, mas aconselhou a filha a escolher uma cisma por vez, para não afastar a menina.

“Daqui a pouco ela não vai mais querer saber de boneca”, acrescentou a avó um pouco distraída, tocando a mancha amarronzada. “Você também parou de brincar com essa idade, lembra?”

E assim, com a bênção da mãe e da avó, Maria Proserpina levou as bonecas para a calçada. Gostava de brincar na rua porque sentia que as histórias mais mirabolantes aconteciam ali. Uma vez, um cachorro foi cheirar a casinha e derrubou todos os móveis com o focinho. Ela passou a tarde toda investida em uma história piegas sobre a reconstrução de um vilarejo após a invasão de uma fera enorme. Em outra, um pé d’água inspirou uma aventura na selva em que uma exploradora valente e solitária buscava um tesouro perdido.

Ela adorava conversar com os vizinhos que passavam. Conhecia quase todos pelo nome. Picanço era um lugarejo com cerca de trezentos habitantes, mas às vezes Maria Proserpina tinha a impressão de que eram só trinta, pois ela sempre interagia com as mesmas pessoas, que faziam sempre as mesmas coisas e que frequentavam sempre os mesmos lugares. As manhãs eram da lotérica. As quartas-feiras, da quitanda. E nos

raros fins de semana de sol, todos iam para o balneário, para nadar no lago barrento, fazer churrasco em um dos quiosques e bisbilhotar a vida dos outros. Houve uma época em que as manhãs de domingo eram passadas na igreja, mas o templo fechara para reforma há mais de seis meses, sem previsão de reabertura.

O apagão aconteceu às sete da noite de uma terça-feira. Houve um clamor coletivo. Bebês choraram, cachorros latiram. Um transformador explodiu, soltando faíscas e fumaça. A mãe e a avó de Maria Proserpina correram infrenes até a rua, chamando pela menina, pedindo para ela entrar em casa, mas não obtiveram resposta. Enquanto a mãe continuava gritando, a voz saindo cada vez mais aguda, os brados com intervalos cada vez mais curtos entre si, a avó partiu desembestada para dentro de casa. O avô, que tirava uma soneca no sofá, havia acordado com o rebuliço. Desbaratinado, tentava acender uma vela, mas a avó deu um tapa na mão dele e lhe passou uma das lanternas que pegara na gaveta da cozinha.

“Deixa de ser antigo. Daqui a pouco vamos virar o milênio”, reclamou ela, mirando o facho de luz para a porta da frente. “Prosa sumiu.”

Os três percorreram os quarteirões mais próximos à procura da menina. A mãe aferrou a avó pelo braço. O avô, que fora feirante por mais de quarenta anos, soltou o vozeirão. Dentro das casas, através das janelas, eles viam chamas de vela e clarões de lanterna indo de um lado para o outro. Aos poucos, os mais chegados foram se juntando a eles, e um grupo de busca foi formado. Ecoando o nome da menina, eles perambularam pela cidadezinha, vasculhando o armazém abandonado, a praça do coreto e as margens do bosque. Depois de uma hora, a família decidiu acionar a polícia.

O delegado era um homem espalhafatoso por natureza. Tinha sobancelhas fartas, um nariz torto e adorava usar tênis esportivos, dos quais cuidava como se fossem feitos de couro de crocodilo. Ouvia um rádio de pilha no meio do breu quando eles chegaram.

“Nós temos sorte de morar em Picanço”, falou ele à guisa de cumprimento, desligando o rádio e alisando a camisa. “Parece que a coisa ficou feia nas cidades maiores. Arrastões, hospitais indo de mal a pior e...”

A avó atalhou o delegado para repassar a má notícia. Ele amarrou os tênis, dando um nó nos cadarços cor-de-rosa, e começou a trabalhar, fazendo o registro da ocorrência, acionando a força policial e formalizando a mobilização da comunidade. Quando começou a coletar informações e soube da briga entre mãe e filha, sugeriu uma fuga voluntária, o que fez com que ela se debulhasse em lágrimas.

“Ela não faria isso”, fungou a mãe, aceitando o lenço de linho que o avô ofereceu. “Ela mal vai sozinha até a padaria. Ela é só uma menina.”

“No calor do momento, pode acontecer”, respondeu o delegado, coçando a nuca. “E ela já é mocinha agora, não é? Às vezes os hormônios dão um curto-circuito na cabeça das mulheres. É mais comum do que se pensa.”

A mãe e a avó se entreolharam e começaram uma bateção de boca com o delegado. O avô tentou acalmar os ânimos, mas logo desistiu. Vendo que a querela não acabaria tão cedo, foi fumar um cigarro no alpendre da delegacia. Dona Ruth estava ali, olhando para a cidadezinha imersa em piche, com a costura guardada em uma sacola. Chuviscava. Ela encarou o velho e disse:

“Deve ter caído um raio na subestação de energia. Ou houve uma sobrecarga na rede”.

O avô ficou aliviado com a chance de falar sobre outro assunto. Estava preocupado com a neta, mas também se perguntava se iria conseguir jantar em algum momento.

“Li esses tempos que avarias nos disjuntores são cada vez mais comuns”, comentou ele.

“É a precarização do serviço”, concluiu dona Ruth, balançando a cabeça.

“E a gente continua pagando.”

Naquela mesma noite, fizeram uma vigília na frente da igreja. Metade da população compareceu, empunhando velas brancas de solidariedade que se apagavam sempre que um pingo de chuva caía nas chamas. A mãe e a avó fizeram um discurso comovente, que arrancou lágrimas dos mais compassivos. O avô fumava um cigarro atrás do outro, como se tentasse extinguir a escuridão com as brasas. O delegado fez um pronunciamento sucinto, mas contundente. Orientou os picancenses a entrar em contato

com a polícia caso soubessem de algo ou vissem alguma atividade suspeita, e informou que o patrulhamento seria intensificado. Um toque de recolher foi instaurado até que Maria Proserpina fosse encontrada.

“Que pena que a igreja está fechada”, suspirou dona Arlete, se apoiando no filho. Desde que começara a radioterapia, andava tendo episódios de tontura. “Seria tão bom orar por ela.”

Dona Imelda fez uma travessa de macarrão de forno, que levou para a família de Maria Proserpina um pouco depois da meia-noite.

“Eu sinto muito, meus docinhos”, disse ela, dando tapinhas nas bochechas da mãe e da avó. “O azar vem a galope mesmo. Não sei nem o que dizer.”

“Às vezes o silêncio vale ouro”, retrucou a avó. Ela, que vinha encolhendo ano após ano, se sentia ainda mais miúda e acabadiça cada vez que olhava para o relógio e percebia que mais uma hora tinha se passado sem notícias da neta.

“Estão dizendo que o delegado vai pedir para dragarem o lago do balneário”, cochichou dona Imelda, se dirigindo até a cozinha e colocando o tabuleiro ainda quente na mesa de granito. “É um pouco cedo ainda, não acham? Não sei, não. Tudo indica um sequestro, mas ouvi dizer que esses namoros virtuais estão cada vez mais comuns.”

“Dona Imelda, tivemos um dia muito longo”, falou a mãe, apontando para o corredor cheio de quadros que levava até a porta da frente. “É muita gentileza sua ter preparado uma janta, mas precisamos descansar.”

“Claro, claro.” Dona Imelda tocou o braço da mãe e gingou até a porta. Quando fincou os pés no capacho, se virou e sussurrou: “Ruth vai dizer que é obra deles. Sabe, de OVNI. Mas não dê ouvidos para aquela ali, não. Deu tanto nó no crochê que acho que amarrou o próprio juízo”.

A mãe e a avó fecharam a porta e foram se deitar, cada uma abraçando uma boneca da menina. Não comeram, o estômago estava embrulhado. O avô, por sua vez, comeu um prato cheio. A mãe e a avó não conseguiram pregar o olho a noite toda. O avô dormiu tão pesado que até roncou.

A luz voltou às seis da manhã do dia seguinte. As ruas federam até a hora do almoço, que foi quando o lixeiro finalmente passou. Os urubus, que vira e mexe aporrinhavam os moradores com sua presença agourenta,

se desempoleiraram das árvores altas da região e fizeram a festa. Até um carcará apareceu para futucar a carniça com seu bico curvo. A mãe, a avó e o avô foram até a delegacia logo cedo. A chuva arriara; eles chegaram lá com os pés encharcados. O delegado serviu café fraco em três copinhos de plástico e mostrou um modelo do cartaz que a polícia iria afixar nos postes. A mãe acarinhou a fotografia de Maria Proserpina, que levava a pedido do delegado, e a deixou sobre a mesa. Era um retrato recente, tirado havia menos de um mês, quando a menina estava de saída para o colégio. Maria Proserpina estava com o cabelo liso e escuro solto, do jeito que a mãe usava quando tinha a mesma idade. A franja estava bagunçada. O olhar era de impaciência, como o da avó. O nariz pontudo era igual ao do avô.

O delegado anunciou que iria começar a conversar com outras pessoas e aconselhou a família a ficar em casa, para que não pegassem uma gripe. Prometeu que ligaria assim que soubesse de algo. E disse, enquanto passava um pano úmido nas laterais dos tênis, para eles se prepararem para os olhares tortos.

“É assim mesmo”, reiterou ele, dando de ombros. “Todo mundo quer ajudar, mas quando sentem que são parte do que aconteceu, quando precisam vir até aqui e contar o que sabem, ficam ofendidos.”

A avó riu pelo nariz, a mãe agradeceu ao delegado e eles foram embora.

À medida que Picanço foi acordando, o prognóstico do delegado se confirmou. A cidadezinha não só engatou em um alvoroço que fez com que os picancenses comessem a estocar comida e a cercar a liberdade dos jovens, como também direcionou a inquietação e o medo que sentiam para a família. A promessa da macarronada para angariar fundos para a investigação fora completamente esquecida. Na lotérica, o avô ouviu duas comadres conversando.

“Isso é falta de homem em casa”, opinou uma, preenchendo os números do bilhete. “Elas trabalham duro, sei que sim, mas falta aquela presença forte para botar ordem no pedaço.”

“E o que ela estava fazendo na rua naquele horário?”, especulou a outra, ponderando se fazia mais uma fezinha ou não. “Não sei por que deixaram ela sair. Era uma boa menina, mas não se pode dar sorte para o azar.”

O avô estufou o peito para dizer que quem cantava de galo na casa era ele, mas as comadres foram embora antes que ele juntasse coragem para se defender. À tarde, para se distrair, a avó foi até a mercearia enquanto a mãe negociava faltas no trabalho. Embora soubesse que aquilo iria acontecer, não conseguiu suprimir a indignação que sentiu com os olhares que pareciam acusar a família de ter escondido Maria Proserpina no porão para se beneficiar de uma fama passageira. No corredor de enlatados, enquanto pegava alheadamente uma seleção de frutas em calda, ouviu uma menina choramingar para o pai. O homem agachou na frente da filha e a segurou pelos ombros. Então disse em uma voz açucarada:

“Não precisa se preocupar, querida. Ninguém vai querer levar você”.

A avó deixou a cesta cair com estrépito e foi embora sem comprar nada. No caminho, sentiu seu corpo encolher ainda mais com os olhares enviesados, e se a casa não ficasse a apenas duas quadras da mercearia, teria diminuído até virar pó antes de chegar. Quando dobrou a esquina, viu um tumulto em frente à casa e, por um instante cruel, se permitiu achar que Maria Proserpina havia voltado de um trágico passeio no bosque, com o rosto sujo de terra e folhas enroscadas no cabelo. Mas eram jornalistas querendo conversar com a família.

Na delegacia, dona Arlete testava a paciência do delegado.

“O engraçado é que ela quase morreu na semana passada, sabia? Ela estava brincando de boneca na rua e eu gritei para ela sair. Logo depois caiu uma jaca enorme no chão. Eu falei para o Roger não plantar a jacqueira tão perto da calçada, mas ele escuta alguma coisa que eu digo? Esses dias mesmo pegamos uma jaca de dezessete quilos. Dezessete! Se cair na cabeça, mata um na hora. Mas picancense é tudo cabeça dura mesmo. Eu sou mais maleável porque não sou daqui, entende? Eu gosto mais de praia, sempre gostei. Mas sabe como é, o marido queria abrir um pesqueiro, então eu vim junto e agora deu nisso.”

Os meses se passaram sem grandes notícias. O toque de recolher durou apenas duas semanas, o avô retomou as sonecas da tarde e a mãe e a avó ficaram com olheiras profundas e cada vez mais desconsoladas. O delegado ganhou caçarolas de carne assada e um novo par de tênis por fazer o que era esperado de um chefe da polícia e, com o tempo, os

moradores da cidadezinha aceitaram que o destino de Maria Proserpina provavelmente havia sido uma fuga voluntária. Era de se esperar, com uma família tão antipática e avessa às atividades da comunidade.

“Sei que estão passando por um momento delicado, mas elas prometeram”, queixou-se dona Imelda para dona Ruth, que aquiesceu do outro lado do balcão da drogaria. Era o dia seguinte após a feira beneficente da igreja. “Onde já se viu uma quermesse sem cachorro-quente? Foi um desfalque e tanto!”

Dona Ruth fez que ia responder, mas sua voz morreu na garganta quando elas ouviram a sirene. A viatura passou a toda velocidade na frente da drogaria, atraindo os olhares de todos que estavam na praça do coreto. Na casa, a mãe, a avó e o avô trocaram olhares esperançosos e foram até a porta da frente. Os vizinhos fizeram o mesmo. O delegado encostou a viatura no fim da rua, bateu a porta do carro e tocou a campainha. O casal atendeu.

“Uma patrulha acabou de encontrar Catarina morta. Ainda estamos apurando, mas tudo indica que alguém que estava à espreita no bosque a atacou enquanto ela voltava do colégio”, declarou ele, enxugando a chuva que escorria no rosto. “Eu sinto muito.”

O grito que a mulher deu fez com que pássaros debandassem de uma árvore. O homem cobriu a boca com a mão. A mãe de Maria Proserpina caiu de joelhos e começou a chorar. O avô a abraçou, um pouco atrapalhado. A avó ajeitou a saia na cintura e caminhou decididamente até o casal. Abraçou a mulher e ignorou o homem que havia visto na mercearia. Depois foi até a igreja, como fazia todos os dias desde que fora reaberta. Era a única que frequentava o local. Até aquele dia, se convencera de que a neta estava bem em algum lugar distante, e orava para que voltasse sã e salva para casa. Porém, depois do que ouvira, foi rezar para que a morte de sua querida Prosa tivesse sido rápida e indolor. Ela ainda era menina. Ainda brincava de boneca. Não merecia nada daquilo.

NILSEN SILVA é tradutora e editora das marcas DarkLove e Magicae da DarkSide® Books. Pós-graduada em Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, desde 2018 edita livros escritos por mulheres, ajudando a dar visibilidade a novas vozes femininas na literatura. Como tradutora, assinou livros como *Guerra*, *Adorável Guerra*, *Gótico Mexicano* e *Rastro de Sangue: O Grande Houdini*. É autora dos contos “Os Lobos na Praia do Pastor” (Café Espacial, 2023) e “Olhos de Semente” (DarkSide® Books, 2023).

Contos de Natal

DARK

“Uma mixtape para desgraçar o seu Natal”

mixtape completa



DARKSIDEBOOKS.COM